

## A IDOLATRIA POLÍTICA NA IGREJA CRISTÃ BRASILEIRA.

### *Political Idolatry in the Brazilian Christian Church.*

*Filipe Evaristo<sup>1</sup>*

*Edson Martins<sup>2</sup>*

#### RESUMO

O presente artigo tem como objetivo demonstrar como a idolatria, muitas vezes aceita somente no modo católico-romano, está longe de ser somente aquele estereótipo, como o cristão cria deuses em seu cotidiano. Também como a idolatria política está de forma silenciosa, mas avassaladora, adentrando as igrejas cristãs brasileiras, e como isso está influenciando a utilização de sacralidade das escrituras para justificativa de campanha política, e até mesmo erros que ferem a moral segundo os preceitos cristãos. Demonstrar como os fiéis estão contribuindo para a subversão de passagens bíblicas, que visam justificar ações com passagens fora de contexto. Desenvolver um senso crítico para aceitação do posicionamento idólatra do cristão frente à uma figura política, e trazer luz ao entendimento que a devoção deve ser somente dada à Deus.

**Palavras-Chave:** Idolatria. Igreja. Política. Cristão. Presidente.

#### ABSTRACT

This article aims to show how idolatry, often accepted only in the Roman Catholic way, is far from being just that stereotype, how Christians create gods in their daily lives. Also how political idolatry is quietly, but overwhelmingly, entering Brazilian Christian churches, and how this is influencing the use of the sacredness of the scriptures to justify political campaigns, and even errors that hurt morals according to Christian precepts. To demonstrate how the faithful are contributing to the subversion of biblical passages, which aim to justify actions with passages taken out of context. To develop a critical sense of acceptance of

---

<sup>1</sup> Bacharel em Teologia da Faculdade Cristã de Curitiba

<sup>2</sup> Doutor em Ciências da Religião. Mestre em Educação. Pedagogo, especialista em EAD. Professor na FCC.



the Christian's idolatrous position towards a political figure, and to shed light on the understanding that devotion should only be given to God.

**Keywords:** Idolatry. Church. Politics. Christian. President.

## INTRODUÇÃO

Desde o surgimento do “fenômeno” Jair Messias Bolsonaro na concorrência as eleições a presidente do Brasil em 2018, a classe cristã evangélica vem sendo influenciada de várias formas, principalmente por presenciar um então pré-candidato da república assumidamente cristão. Sua forma de agir e se expressar extremamente popular, e o uso inteligente das redes sociais o fizeram se aproximar cada vez mais de seu possível eleitor, demonstrando suas intenções políticas, econômicas e nunca deixando de lado suas aspirações e desejos frente às pautas denominadas como cristãs e de valorização da família.

A quase fatídica facada durante um ato político que antecedia as eleições elevou o então pré-candidato a um novo patamar, Bolsonaro passa a ser uma espécie de mártir para seus apoiadores, e sua recuperação é como que uma confirmação de que para mudar o Brasil, se preciso fosse, ele morreria.

Esse movimento foi desenvolvendo nos cristãos, não somente evangélicos, um apreço quase que messiânico por Bolsonaro, é como se ele fosse um novo Messias, enviado por Deus para salvar o Brasil. Acontecimentos como estes, disfarçado de mudança, virou uma avalanche idólatra nos cristãos brasileiros, que passaram a qualquer custo defender o seu “novo” Messias. Notando esse movimento em crescimento, principalmente no meio evangélico de convívio nasceu um incomodo, pois, cada questionamento sobre atitudes de Bolsonaro é uma avalanche para perguntas irônicas sobre a preferência por políticos do partido que governou anteriormente, ou se pejorativamente é adepto à esquerda, sem mesmo a pessoa ter o mínimo de noção de ciências políticas e suas nuances, justificando assim a escolha do tema que é relevante para o cenário atual e que continuará a se desenhar nesse ano eleitoral.



Este artigo, utilizando-se de uma pesquisa bibliográfica, cita alguns autores conhecidos por criarem pontos de resistência ao bolsonarismo como o Pastor Yago Martins e o jornalista Ricardo Alexandre, com seus livros direcionados a essa temática. Outros autores que têm reconhecimento no cenário político cristão como David T. Koyzis, Wayne Grudem e Franklin Ferreira embasam as questões de como os cristãos precisam lidar com essa esfera no mundo secular.

Com o objetivo de alertar sobre o pecado da idolatria política na igreja cristã do Brasil, será de forma objetiva e direta criado um paralelo da idolatria com as idolatrias do coração e como isso se torna idolatria política. Com base em fatos verídicos será exposto frases e ações do presidente Jair Messias Bolsonaro, que estão em desacordo com as escrituras e como a utilização delas distorce o cristianismo genuíno, por fim criando um alerta e um convite a mudança.

## 1. A idolatria

Qualquer cristão que já leu ou ouviu a história do povo de Israel no êxodo do Egito consegue nitidamente saber que Deus se fez presente em todos os momentos da sua caminhada pelo deserto. O capítulo 32 do livro de êxodo demonstra com clareza o quanto as pessoas rapidamente necessitam criar deuses para si. Moisés estava no monte recebendo instruções de Deus, mas por se passar um longo período o povo cobrou um deus a Arão, demonstrando a sua necessidade de adorar algo, e assim foi feito: esculpíram um deus em forma de bezerro, que eles adoraram como se fosse o deus que os resgatou da escravidão (Êx 32.4).

Essa passagem é dentre muitas passagens bíblicas que reflete a necessidade de o ser humano estar sempre adorando algo, segundo a reflexão de Meister “A idolatria não está na imagem idolatrada, não está no ídolo em si, mas reside no próprio coração do idólatra.” (MEISTER, 2017, p. 14). Em concordância com o mesmo autor que elucida que a idolatria nasce junto com a queda do homem no Jardim do Éden, quando em Genesis 3.4 a oferta de abertura dos olhos, de ser como Deus conhecedor do bem e do mal, Meister (2017, p. 25), diz:

Ora, o ser humano foi criado por Deus para crer e confiar em sua palavra, obedecendo ao que ele



ordena por meio dela. Quando o homem desobedeceu à ordem que recebera, deixou de crer e confiar no próprio Deus. A mulher, por seus sentidos e desejos, dobrou-se diante de uma palavra proferida em oposição acintosa à palavra de Deus. Esse foi o primeiro ato de idolatria.

No mesmo conceito, Martins (2020, p. 40) complementa: “Tudo o que proveio de imoralidade e depravação depois de Adão e Eva, vem como fruto direto da idolatria do ego em busca por ser como o Senhor.”. De fato, o primeiro pecado da humanidade desencadeou diversos problemas que afetam a comunhão total e plena com o criador Deus.

A idolatria está mascarada sempre em algo bom, diferente de outros pecados, o cuidado, o amor, o zelo, a admiração a algo ou alguém não é visto como algo ruim. Mas há raízes na idolatria que ela não quer que se entenda como pecado, Filipe Fontes diz que “a idolatria acontece numa dimensão de existência à qual não temos acesso direto e imediato, é um pecado primariamente interno.” (FONTES, 2020, p. 33). E o fato de ser um pecado interno, na maioria das vezes não há acusações externas por causa dele, o profeta Jeremias no capítulo 17.9 já adverte: enganoso é o coração, Meister reitera “o coração do homem controla o homem completo” (MEISTER, 2017, p. 26) e assim é, pois como o coração é enganoso, tudo que está no coração e toma o lugar de primazia de Deus, passa ser um ídolo, e “uma vez o coração controlado pelo ídolo, todo o homem está controlado” (MEISTER, 2017, p. 27).

Parte da classe evangélica, ainda não consegue compreender o quão idólatra é, pois, ainda tem a concepção de idolatria somente relacionada a deuses mitológicos, imagens, objetos..., Mas Koyzis (2021, p. 44) definiu bem que essa questão não está ligada somente a objetos ou coisas:

Os ídolos, porém, recusam-se a permanecer dentro das quatro paredes de uma igreja, de um templo ou de uma sinagoga. Afinal, a adoração descreve a maneira como vivemos nossa vida toda, sete dias por semana, como indivíduos e como comunidade.



Ao juntar esses conceitos é notável que a forma em que se vive demonstra a quem se adora. Impossível não conhecer alguém, mesmo que cristão que sempre está obcecado por algo, seja o dinheiro, seja o cônjuge, seja o trabalho, seja os estudos, sempre algo está tomando seu coração e isso torna-se parte da sua rotina de um modo escravizante, Koyzis (2021, p. 45) complementa “podemos não acender velas, cantar louvores nem oferecer orações a esse deus literalmente, mas, na prática, nós o adoramos, por ele dominar a nossa vida.”.

É necessário muita reflexão e autoconhecimento para assumir que se é idólatra, Martins (2020, p. 75) diz “se você não entender quem é, não vai entender a quem você adora.”. É preciso amadurecimento para assumir sua a identidade de idólatra.

### 1.1. A idolatria política

O tópico anterior explicou de maneira sucinta como a idolatria nasce e se comporta na vida de qualquer pessoa, como esse pecado cresce de forma avassaladora nos corações, e que isso reflete no comportamento da pessoa.

E isso não é diferente quando se trata de questões políticas, na Bíblia há várias menções de sistema de organização que hoje se entende como um sistema político, como José sendo nomeado governador do Egito (Gn 41.41), Davi sendo ungido a rei (1Sm 16.13) entre outros.

Consequentemente a organização da sociedade, das hierarquias e poderes constituintes, geraram diversas fontes de idolatria. Um clássico no meio cristão acontece na passagem de Daniel 3 quando o rei Nabucodonosor ergue uma estátua de ouro e ordena que todos se prostrem e adorem, de fato havia uma imagem a ser adorada, mas subentende-se que essa adoração era para a satisfação do ego do rei, pois em nenhum momento era alguma forma de “agradecimento” ou “pedido” a alguma divindade, como era de costume na época. E vendo que três jovens se recusam a adorar a estátua, o rei determina uma punição pela desobediência, mas Deus o único que deve ser adorado de verdade os salva e livra-os da fornalha fazendo com que todos reconheçam somente Ele como Deus.



Jesus como um divisor na história humana, também dá ensinamentos importantíssimos sobre como deve ser identificada e dividida a “adoração” as coisas da terra e a Sua divindade, a passagem de Mateus 22.17 na qual os judeus tentam encurralar Jesus questionando: é correto pagar tributo a César, ou não? E Jesus de forma clara e objetiva diz: Dai a César o que é de César e a Deus o que é Deus... Grudem (2014, p. 28) comenta:

Trata-se de uma declaração notável, pois Jesus mostra que devem existir dois âmbitos distintos de influência, um para o governo, outro para a vida religiosa do povo de Deus. Algumas coisas, como impostos, dizem respeito ao governo civil (“o que é de César”), logo a igreja não deve tentar controlá-las. Em contrapartida, outras coisas dizem respeito à vida religiosa das pessoas (“o que é de Deus”), logo, o governo civil não deve tentar controlá-las.

Por certo que esse questionamento era uma tentativa de desestabilizar Jesus, e claramente não há uma normativa do que é Deus e do que é do sistema, mas de fato essa continua sendo uma verdade para reflexão, será que os cristãos agora, com toda a revelação a disposição não estão dando à César o que pertence a Deus? Complementa essa reflexão, Martins (2020, p. 163) afirmando: “quando invertemos isso, ou quando elevamos o líder civil ao status de rei, é quando acreditamos que os clamores por adoração de César ainda devem ser ouvidos e obedecidos.”. É nesse aspecto onde se encontra as verdadeiras dificuldades com a idolatria política, pois, mesmo que inconsciente o líder civil, no caso, o político é palpável mesmo que inalcançável.

Em contrapartida há alguns textos bíblicos que fazem menção sobre a obediência aos governantes, vejamos o que recomenda o apóstolo Paulo, em sua carta aos Romanos, capítulo 13.1-2:

Todos devem sujeitar-se às autoridades governamentais, pois não há autoridade que não venha de Deus; as autoridades que existem foram por ele estabelecidas. Portanto, aquele que se rebela contra a autoridade está se rebelando contra o que



Deus instituiu, e aqueles que assim procedem trazem condenação sobre si mesmos.

Mas é fundamental entender o que estava acontecendo naquele período para que Paulo instruisse os romanos dessa maneira, Martins (2020, p. 150) explica: “A carta foi escrita em uma época na qual a insatisfação com as taxas abusivas do governo de Nero só crescia, e a sua intenção era convencer os irmãos a pagarem suas taxas”, ou seja, havia certo desconforto com o que estava acontecendo e Paulo os instruiu dizendo que aquelas autoridades também são parte da autoridade e permissão de Deus.

Vale ressaltar que as autoridades, no plural, pois de fato eles possuíam uma estrutura hierárquica bastante organizada, sendo assim, Ferreira (2016, p. 72) explica que essa sujeição não se limita as autoridades, como imperadores ou reis, mas também aos governadores das províncias de Roma. Se criado um paralelo no contexto atual é necessário se sujeitar também aos vereadores, aos prefeitos, aos governadores e não somente ao presidente.

Prontamente entende-se que Deus é que controla as autoridades, que o cristão não deve se portar de maneira inadequada e principalmente idólatra, frente aos movimentos políticos que acontecem, Grudem (2014, p. 59) apud John MacArthur reitera:

Não há nada de errado em apoiar ocasionalmente medidas legítimas que visam corrigir uma injustiça social ou política gritante... Certa dose de interesse saudável e equilibrado pelas tendências atuais no governo e na comunidade é aceitável, desde que tenhamos consciência de que esse interesse não é vital para nossa vida pessoal, nem para nosso testemunho íntegro, nem para o progresso do reino de Cristo. Acima de tudo, o envolvimento do cristão com a política não deve jamais tomar o lugar prioritário da pregação e do ensino do evangelho, pois a moralidade e a retidão que Deus procura resultam da salvação e da santificação.



A problemática em questão é quando esse apoio deixa de ser saudável e passa a ser uma verdade incontestável, levando ao contrário de tudo acima afirmado, o evangelho fica em segundo plano e o apoio ao candidato ou a pauta, por mais cristã que ela possa ser, passa ser o centro da existência e sobrevivência, de fato nasce mais um ou vários ídolos políticos sem ao menos se dar conta, e eles sempre chegam travestidos de uma ação essencialmente benéfica para si, ou para toda uma classe social.

## 2. Um novo messias

É notório que com o acesso à tecnologia, a internet, as diversas plataformas de comunicação online, um movimento de polarização nasceu, não somente no Brasil, mas no mundo inteiro, conforme elucidada Andrei Venturini Martins “não é necessário ser um especialista para perceber a evidente polarização que eclodiu no Brasil na década de 2010 e prosseguiu pela de 2020” (MARTINS, 2021, p. 29).

As últimas eleições presidenciais no Brasil, no ano de 2018, foi um desses momentos históricos, Alexandre (2020, p. 58) afirma:

Desde 2012, pelo menos, a audiência da internet já supera a da televisão no Brasil – para se ter uma ideia, há o dobro de brasileiros com acesso às redes sociais do que a coleta de esgoto. Em segundo lugar, porque a concentração de influência agora é muito maior: em 2018, ano da eleição presidencial, quatro dos cinco aplicativos mais baixados pelo brasileiro pertenciam à mesma empresa, o Facebook.

É nesses aplicativos onde informações, boas ou ruins, estão “correndo”, Martins (2021, p. 35) diz: “as eleições de 2018 foram um espetáculo de horror, com vídeos, fotos e narrativas que confundiram de jornalistas experientes e grandes redes de televisão e rádio até o eleitor comum em suas redes sociais”. E foi nesse cenário que o atual presidente da república foi eleito em 28/10/2018 com 55% dos votos.

A campanha de Bolsonaro, além de ser majoritariamente online, foi pautada também sob os “preceitos cristãos”, Martins (2021, p. 21) demonstra duas de várias falas nesse contexto: primeiro o slogan de campanha “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos”, e a rejeição ao





conceito de estado laico: “o Estado é laico, mas nosso governo é Cristão”. Contrapondo esse marketing para os cristãos através de slogans Koyzis (2021, p. 346) diz: “Um movimento democrático e cristão não se resume facilmente em um slogan apelativo, capaz de inspirar o entusiasmo popular pela causa”.

De fato, o apoio de cristãos evangélicos foi fator importantíssimo para sua vitória, em sua grande maioria, já desacreditados com o governo anterior que errou muito e de diversas formas ao atacar evangélicos.

Mas no desdobrar dos acontecimentos um cristão evangélico que tem seu coração voltado à sacralidade das escrituras começa a notar que esse movimento ganha proporções inimagináveis, e deixa de ser algo somente político e torna-se uma zombaria com as sagradas escrituras, a seguir alguns exemplos: Martins (2021, p. 67):

Conhecereis a verdade e a verdade vos libertará (Jo 8.32). Constantemente ministros, agentes do governo, o próprio presidente e seus filhos usam este versículo bíblico para validar revelações políticas específicas, defesas diante de acusadores e estabelecimento de projetos particulares de poder.

Texto largamente utilizado de forma totalmente equivocada, se o leitor da Bíblia tiver uma versão daquelas em que o que Jesus diz está destacado em vermelho irá notar que essa frase é dita por Ele, se referindo exclusivamente a Ele, pois o versículo anterior dá a prerrogativa para conhecer a verdade: que é permanecer na palavra Dele, verdadeiramente, e ser seu discípulo, logo eles conhecerão essa verdade, que nada está ligada a questões políticas partidárias no Brasil.

Outro fato incoerente, mas normalizado, é relatado por Alexandre (2020, p. 64): “Deus” foi a segunda palavra mais usada por Bolsonaro nos primeiros dez meses de seu mandato, atrás apenas de “Brasil””, deixado de lado o fato de que biblicamente há um mandamento para má utilização do nome de Deus, só demonstra a incredulidade e falta de conhecimento e comunhão com Deus, profanar o Seu nome, continua sendo isca para os cristãos. Da mesma boca que sai o nome de Deus sai frases bastante sórdidas como “enfiar no rabo”, dito a jornalistas ao ser



questionado sobre a compra de latas de leite condensado (MARTINS, 2021, p. 22).

Bolsonaro possui um comportamento explosivo, nada que se aproxime aos frutos do espírito descritos pelo apóstolo Paulo aos Gálatas 5.22-23, esse fato é confirmado por suas atitudes e falas em entrevistas. Para se ter uma noção de como isso gera descrédito como um cristão e presidente, um arquiteto de nome Walter Barreto Jr, lançou um livro intitulado “Bolsonaro e seus seguidores: 1.560 frases” esse livro que, obviamente, cita as mais diversas barbaridades ditas pelo presidente, muitas delas é necessário verificar o contexto, mas muitas também por si só, independente do contexto, deveriam ser repensadas, por exemplo (JR, WALTER, 2021, p. 50) “Quem quiser vir aqui [ao Brasil] fazer sexo com uma mulher, fique à vontade. O Brasil não pode ser um país de turismo gay. Temos famílias.”. A fala isolada já é problemática independente de credo religioso, mas esclarecendo a situação: dados do próprio governo através do Disque 100 em 2021 foram recebidas mais de 18 mil denúncias de violência sexual contra crianças e adolescentes, e a partilha de recursos será destinado também ao ministério do turismo, que precisa trabalhar no enfrentamento do chamado turismo sexual, esse é o tipo de postura de um presidente que segundo o senador Magno Malta é um “verdadeiro cristão” (MARTINS, 2021, p. 27).

No que diz respeito as práticas religiosas cristãs, Bolsonaro usa e abusa de forma, digamos que, promiscua. Alexandre (2020, p. 136) relata a fala do presidente no rádio: “sou católico, e minha esposa, evangélica. Estão pedindo um dia de jejum para quem tem fé”. Fato que atender ao pedido de um número de pastores sem entender o verdadeiro sentido do jejum é uma demonstração de descaso com os preceitos cristãos. O pastor Antonio Carlos Costa em seu twitter demonstra indignação ao escrever “Jejum sem arrependimento é provocação à santidade de Deus”, e de fato, como Alexandre (2021, p. 137) complementa:

Em geral, é uma prática associada à oração, ao quebrantamento, ao arrependimento e à humilhação, e não apenas a privação de alimento. Jesus trouxe cores novas sobre o jejum, explicando a importância de fazê-lo discretamente, na presença do Pai, “que observa em segredo” (Mt 6.18)



Questões como essa não devem ser interpretadas e aceitas como normal pelos cristãos, é necessário levar mão à consciência de que a forma em que essas práticas são realizadas são ensinamentos dados por Jesus, e que não podem ser banalizados.

### 3. Cegos pela idolatria

Há uma complexidade acentuada no que diz respeito ao fato de toda uma classe religiosa estar voltada a um candidato, que se diz cristão, mas que em muitas formas desonra vários preceitos do cristianismo, conforme Martins (2021, p. 60) comenta:

É a apropriação política cultural de alguns elementos morais do cristianismo tradicional, como a rejeição do aborto como política de saúde ou da equiparação da união homossexual com a família tradicional, mas rejeitando aspectos importantes – talvez, mais importantes – do cristianismo, como o amor ao próximo, a misericórdia, a graça e a fé. Por esses motivos, os políticos podem falar contra o casamento gay estando no terceiro casamento ou contra o aborto enquanto suas políticas sanitárias deixam bebês recém-nascidos sem oxigênio nos hospitais.

Toda a distorção acima destacada vem envolta de uma ideologia que conversa como os cristãos de várias formas, são vendidos com uma espécie de salvação, o mesmo autor destaca:

Declarações racistas, homofóbicas, machistas e xenofóbicas de Jair Bolsonaro podem ser perdoados ou mesmo reinterpretados para parecer menos graves. É melhor ele que a volta do PT. Afinal, não importa o que Bolsonaro faça. O eleitor dedicado vai suspirar e dizer: “ainda bem que não foi Lula”. (MARTINS, 2021, p. 56)

Há uma expressão que circula no meio jovem que explica bem essa situação, “passar pano”, e é isso que os cristãos estão fazendo com atos do



presidente, como resumiu Dariano (2020): está sendo varrido para debaixo do tapete, sendo acobertado, está sendo omitido algo sobre alguém. E isso está intimamente ligado a idolatria, pois como enfatiza Ferreira (2016, p. 144): é incompatível alguém declarar que adora a Deus como senhor que fala apenas por meio da Palavra e tornar-se servil a um Estado iníquo.

Soa um pouco radical dizer que cristãos estão sendo idólatras políticos, pois viram uma única saída para a situação em que se encontravam politicamente, mas Dulci (2018, p. 79) sintetiza:

Uma vez que os seres humanos que estão fora da aliança com Deus e que, por isso, não tem seu ponto de partida no motivo básico da revelação de Deus, a consequência é inevitável é que: todo e qualquer projeto pessoal ou coletivo está fadado a uma distorção da realidade. Em outras palavras, aqueles que não têm as lentes da revelação divina para enxergar toda a realidade vão produzir, necessariamente, visões de mundo distorcidas (ideológicas e idólatras). Nada mais condizente com a Palavra de Deus.

É de uma simplicidade, mas com profundidade o que Dulci fala, pois a impressão que se tem é quem toda a revelação foi esquecida, e agora o que é falado pelo presidente tem um aval cristão, com pouca ou nenhuma cosmovisão bíblica e isso traz consequências à igreja evangélica cristã no Brasil, pois segundo Grudem (2014, p. 71): “quando a igreja assume uma postura que enfatiza o ativismo político e a moralização social, desvia energia e recursos da evangelização”, e de fato o seu papel está sendo deixado de lado, e a figura política está sendo mais falada que Jesus, e isso é consequência da idolatria política que foi instaurada, a igreja não pode ser omissa ao mundo político externo, mas Martins (2021, p. 44) lembra que: “o sentido da submissão às autoridades em Romanos 13 é apenas de obediência às leis, não de qualquer subserviência a políticos específicos”.

Advertindo Ferreira (2016, p. 144) diz:



Os cristãos não dividem sua lealdade com um Estado/partido/governo que requer fidelidade religiosa, pois eles sabem que tal lealdade é idolatria, uma quebra do primeiro mandamento. Eles têm, portanto, liberdade – que mesmo os melhores entre os incrédulos não têm - de criticar qualquer sistema político, qualquer ideologia, pois o fazem com base na crença de que somente o Senhor Deus tem o direito de comandar todas as esferas da sociedade.

Isso precisa ser revisto no atual contexto evangélico, pois se um cristão critica somente as atitudes, e não os feitos políticos, do atual presidente estão indo contra a vontade de Deus, parecendo estar cometendo um pecado por pensar diferente da maioria, nisso Grudem (2014, p. 137) complementa em termos mais salvíficos, que deveria ser a forma de pensamento de todo cristão:

Portanto, os cristãos não devem jamais depositar no governo sua esperança última de mudança do coração humano ou transformação de uma nação de pecadores em uma nação de pessoas santas e justas diante de Deus. Isso é obra de Deus somente, realizada por meio da igreja, quando esta proclama o evangelho de Jesus Cristo e as pessoas creem em Cristo pessoalmente e experimentam que “se alguém está em Cristo, é nova criação” (2Co 5.17).

Isso precisa ser lembrado, pois conforme Martins (2020, p. 164): “os homens têm projetado na política um interesse, uma esperança e uma transformação do mundo que só deveriam ter projetado em Jesus Cristo”. E isso está se tornado enfadonho, e vergonhoso pois alguns cristãos genuínos, são colocados no mesmo patamar dos idólatras políticos, que distorcem as escrituras com versículos como “não toque no unguido do Senhor” (1Sm 26.6), que saem fora totalmente do contexto para o que foram escritos, Alexandre (2020, p. 91) cita o teólogo presbiteriano Augustus Nicodemus com um resumo: “Não toque no unguido do senhor é apelação para quem não tem argumento, nem exemplo para dar como resposta”.



O uso indiscriminado das sagradas escrituras, a forma a qual Deus se deixou conhecer para o seu povo, é de um desrespeito sem tamanho. Koyzis (2021, p. 347) faz uma observação brilhante sobre isso: “Alguns saem disparando versículos bíblicos, sobre os problemas sociais e políticos, como se essa fosse uma solução mágica capaz de exorcizar todos os demônios da injustiça de uma vez”. Para o cristão a Bíblia deve ser estudada e aplicada, e não como fonte de justificativas para seus erros e soluções simplistas de problemas.

A crítica à idolatria é necessária para o despertar. O cristão não deve estar alheio ao mundo em que vive, ele faz parte de uma sociedade, Grudem (2014, p. 104) é bem enfático:

Creio que todo cidadão cristão que vive numa democracia tem, no mínimo, a obrigação de ser bem-informado e de votar nos candidatos e nas propostas mais coerentes com os princípios bíblicos. A oportunidade de ajudar a escolher o tipo de governo que teremos faz parte do papel de despenseiros que Deus confia aos cidadãos numa democracia, um papel que não devemos menosprezar e do qual não devemos descuidar.

Para isso, é necessário sair da bolha midiática, se voltar a palavra de Deus e julgar a luz da Bíblia as atitudes de nossos candidatos, Ferreira (2016, p. 242) soa como uma oração quando diz: “que os cristãos alcancem mais sabedoria na escolha dos próximos governantes, que de fato, sirvam o país”. Que haja um despertar a começar por lideranças de igreja, para criar senso crítico, não somente para julgar o político, mas para também julgar as suas atitudes, primeiro como cristão, e depois como parte de uma sociedade múltipla.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Inegável que a política brasileira é extremamente corrupta, e que fazer parte como cristão não deve ser uma tarefa simples. O Brasil é um país com tamanhos continentais e uma população que possui discrepâncias sociais absurdas. Para qualquer político,



querer governar um país como esse, no mínimo, lhe é exigido coragem.

O autor deste artigo votou em Jair Messias Bolsonaro nas eleições de 2018, não em concordância com a sua política, ou sua campanha, mas como um voto de mudança para o cenário no qual o país se encontrava, pois conforme Ferreira (2016, p. 121) diz: “nas escrituras, não há um único texto que apoie a ideia de que o cristão deve depositar esperança no Estado ou em um governo subversivo e autoritário”, diante disso a troca, principalmente, de partido fez sentido naquele momento.

Com o desenrolar dos dias e atuação do governo, e todos os acontecimentos em volta do nome de Jair Messias Bolsonaro, e como cristão, inserido em um meio cristão, o alvorecer desse endeusamento, as conversas sem conhecimento algum sobre assuntos diversos que envolvem um governo, que cercavam as mesas, facilmente foi identificado que essa subversão do cristianismo utilizado para a campanha foi o suficiente para o então presidente ser considerado um “salvador da pátria” na boca de cristãos com anos de caminhada na fé.

Como qualquer governo, há acertos e há erros, e esse artigo não visa medir isso, mas sim trazer a reflexão para o que se tornou a política no meio cristão diante do exposto. É urgente a necessidade de arrancar do trono os políticos de estimação, seja ele o presidente, ou até mesmos outros que são apoiadores de Bolsonaro. É urgente também a identificação de qualquer outro ídolo que esteja no coração, tomando o lugar que deveria ser de exclusividade de Deus, o ser humano provido da queda é especialista em desenvolvê-los, mas o Deus que enviou o seu filho para remir esses pecados também é especialista em fazê-lo.

Por fim, é preciso citar Alexandre (2020, p. 147): “O nível de sinceridade e oportunismo nesse movimento de Bolsonaro em direção aos evangélicos é algo que cabe a Deus julgar.”, pois a sinceridade está no coração do homem, e ele somente Deus



conhece e sonda, aos cristãos fica o exercício de julgamento com a cosmovisão cristã, com a famigerada e popular pergunta: o que Jesus faria?

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALEXANDRE, Ricardo. **E a verdade os libertará: reflexões sobre religião, política e bolsonarismo**. São Paulo: Mundo Cristão, 2020.

COSTA, Antonio. **Jejum sem arrependimento é provocação a santidade de Deus**. Twitter.com, 2020. Disponível em: <https://twitter.com/antoniocosta/status/1246079441727557633>. Acessado em: 22/05/2022.

DARIANO, Daniela. **Dicionário adolescente: três expressões viradas do avesso**. Extra.com, 2020. Disponível em: <https://extra.globo.com/mulher/resenhando-mae-de-adolescente/dicionario-adolescente-tres-expressoes-viradas-do-avesso-rv1-1-24622881.html>. Acessado em 22/05/2022.

DULCI, Pedro Lucas. **Fé cristã e ação política: a relevância pública da espiritualidade cristã**. Viçosa, MG: Ultimato, 2018.

FERREIRA, Franklin. **Contra a idolatria do Estado: o papel do cristão na política**. São Paulo: Vida Nova, 2016.

FONTES, Filipe. **Idolatria do coração: um inimigo ignorado**. Brasília, DF: Editora 371, 2019.

GRUDEM, Wayne. **Política segundo a Bíblia: princípios que todo cristão deve conhecer**. São Paulo: Vida Nova, 2014

**Governo Federal investe R\$ 109 milhões em plano de enfrentamento à violência contra crianças e adolescentes**. gov.com, 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/maio-laranja/noticias-maio-laranja/governo-federal-investe-r-109-milhoes-em-plano-de-enfrentamento-a-violencia-contra-criancas-e-adolescentes>. Acesso em 22/05/2022.





GUANES, Daniel. et al. **O evangelho da paz e o discurso de ódio**. Rio de Janeiro: GoodBooks; Thomas Nelson Brasil, 2021.

G1. **Jair Bolsonaro leva facada durante ato de campanha em Juiz de Fora**. Globo.com, 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/mg/zona-da-mata/noticia/2018/09/06/ato-de-campanha-de-bolsonaro-em-juiz-de-fora-e-interrompido-apos-tumulto.ghtml>. Acessado em 22/05/2022.

JR, Walter. **Bolsonaro e seus seguidores: 1.560 frases**. São Paulo: Geração Editorial, 2021.

KOYZIS, David T. **Visões e ilusões políticas: uma análise crítica cristã das ideologias contemporâneas**. São Paulo: Vida Nova, 2021

MARTINS, Yago. **A religião do bolsonarismo: um ensaio teológico**. Fortaleza, CE: Espisteme: 2021.

MARTINS, Yago. **No alvorecer dos deuses: desvendando as idolatrias profundas do coração**. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2020.

MEISTER, Mauro. **A origem da idolatria**. São Paulo: Vida Nova, 2017

MAZUI, Guilherme. **Jair Bolsonaro é eleito presidente e interrompe série de vitórias do PT**. Globo.com, 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2018/noticia/2018/10/28/jair-bolsonaro-e-eleito-presidente-e-interrompe-serie-de-vitorias-do-pt.ghtml>. Acesso em 21/05/2022.

**Voto evangélico foi decisivo para vitória de Bolsonaro, diz filósofo**. R7.com, 2018. Disponível em: <https://noticias.r7.com/brasil/voto-evangelico-foi-decisivo-para-vitoria-de-bolsonaro-diz-filosofo-29102018>. Acesso em 21/05/2022.

